

Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana

8º Ano

Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas

5º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Reflexões sobre a Aula 10 – 18.05.2017

**Assunto principal:** Funções Estruturantes e Símbolos Estruturantes

**Textos de referência:** Psicologia Simbólica Junguiana (Byington, 2008), cap. III pp. 65-78 e Inveja Criativa (Byington, 2002), cap. II, III e IV. pp. 47-104.

Boa noite a todos. Hoje falaremos principalmente sobre as funções estruturantes que junto com os símbolos estruturantes formam o coração do processo de elaboração simbólica da Psicologia Simbólica Junguiana.

**Relembro que esta psicologia foi criada para combater o redutivismo da psique e, ao mesmo tempo, para representar a psique em toda sua grandiosidade e integridade.** Através do conceito de símbolo e de arquétipo, ela busca integrar todas as dimensões do saber e todas as escolas de psicologia, dentre as quais distinguimos a Psicologia Analítica e o processo de individuação, a Psicanálise e as estruturas patológicas do Complexo de Édipo, as fixações, defesas e compulsão de repetição, o processo de humanização de Teilhard de Chardin, a Ontologia com a fenomenologia do Ser de Heidegger, a Psicologia Cognitivo-comportamental de Skinner, as Neurociências e a Psicofarmacologia, entre outras.

Para manter a integridade e a grandiosidade da psique, precisamos estudar todas as partes em igualdade de condições, **como símbolos estruturantes** e todas as funções subjetivas e objetivas, também em igualdade de condições, daí elas serem agrupadas dentro do conceito de **funções estruturantes** todos arquetípicos. Símbolos e funções estruturantes extraem significados no processo de elaboração simbólica. Esses significados formam a Consciência que dirige inteligentemente o ser-no-mundo e estão ligados através dos arquétipos à totalidade do Self, desde o Self Individual aos Self Cósmico. Estes conceitos são fundamentais para blindar a psique contra a alienação do Ser que ocorre com os redutivismos.

Como é óbvio, então, os símbolos e funções estruturantes são incontáveis. Durante o curso, estudaremos muitos deles, mas vocês nunca devem esquecer que eles operam

dentro de uma malha simbólica que os liga entre si e com a totalidade do Self por intermédio dos nossos cem bilhões de neurônios e um trilhão de sinapses. É essa complexidade do nosso cérebro que permite à Psique ser tão extraordinariamente grandiosa para o bem (consciência) e para o mal (Sombra).

Hoje centralizaremos nosso estudo das funções estruturantes na inveja criativa e defensiva que descrevi no meu livro *Inveja Criativa – O Resgate de uma Força Transformadora da Civilização*. Ela está ilustrada no livro pela peça e filme *Amadeus*, de Peter Shaffer que descreve a relação inicial de admiração e inveja criativa do músico Antonio Salieri, na corte de Viena, pela personalidade de Mozart. Devido à imaturidade e narcisismo, Mozart não percebe a homenagem que Salieri lhe faz, ofertando-lhe uma pequena composição e expressando de forma intensa sua inveja criativa. Mozart atua dentro de uma defesa narcisista e autista, incapaz de empatizar a posição sensível e vulnerável de Salieri. Por isso, ele responde à homenagem com um brilhante arranjo da composição de Salieri. Os ouvintes, tendo como centro o próprio imperador do Sacro Império Romano-Germânico, José II, se encantam com Mozart, mas **a apresentação brilhante do gênio sobre a composição simples de Salieri atropela e humilha a inveja criativa deste que, no ato, se fixa e se transforma numa inveja destrutiva e terrivelmente venenosa** com a qual atacará Mozart levando-o à morte e o próprio Salieri à auto-destruição.

À volta da função estruturante da inveja, vemos uma teia de funções estruturantes criativas que vão passando à defensivas na medida em que a relação dos dois músicos se deteriora.

Da parte de Mozart, vemos que a genialidade e a precocidade da sua função estruturante da musicalidade não foram protegidas como deveriam ter sido. **Qualquer criança excepcionalmente dotada deve ser protegida para que suas demais funções estruturantes**, principalmente as emocionais naturalmente menos dotadas, sejam acolhidas e desenvolvidas num *timing* mais lento que a função superdotada. Foi tudo o que Leopoldo Mozart, pai de Wolfgang Amadeus, não fez. Pelo contrário. Ele exibiu seu filho pelas cortes da Europa, vestindo a criança de fraque para se promover e viver às custas do filho. **A função estruturante narcisista e exibicionista defensiva do pai fixou o narcisismo do filho por imitação e tornou Mozart incapaz de ecoar, ou seja, de ter consideração pelos outros, inclusive por Salieri, a quem humilhou na frente da corte, e a narcisar normalmente e a cuidar de si mesmo.**

Devido à essa fixação de sua função narcísica, aliada à sua defesa autista, Mozart não amadureceu emocionalmente e passou a sofrer da neurose do *puer aeternus*, que Marie Louise von Franz descreveu como a neurose e a droga-adição de Saint- Exupéry,

autor do livro *O Pequeno Príncipe* (Ed. Paulus, 1995), que estudamos na aula passada com *Peter Pan*.

Dentro dessa neurose de imaturidade, Mozart ficou também fixado nas irreverências próprias do início da adolescência. Ele sentia muito prazer em escrever cartas para uma prima, dando inúmeros nomes para urina e fezes como gracinhas. Sua função estruturante do humor (arquétipo do *Trikster* ou do *bufão*), assim fixada, expressava também, na compulsão de repetição um riso muito inadequado que a todos chocava. Esse riso compulsivo foi introduzido na peça *Amadeus* de Peter Shaffer e se trata de uma licença poética não comprovada, mas que é muito adequada para expressar a irreverência dissociada de Mozart.

Salieri, por sua vez, descendia de uma família de camponeses e seu pai era muito simples e destituído de qualquer sensibilidade musical. Assim, apesar de ter muita musicalidade e de ter alcançado o alto posto de músico da corte de Viena, Salieri tinha na sua identidade esse **complexo de humildade social, que o fazia inseguro e sujeito à vivências defensivas paranóides de inferioridade**. Foi exatamente esse complexo que o narcisismo autista defensivo de Mozart atropelou com toda a exuberância da sua criatividade. Para piorar essa humilhação, na hora de escolher a letra da ópera encomendada pelo imperador José II, Mozart tripudiou ainda mais sobre a ópera italiana, ridicularizando os cantores italianos diante da corte vienense de fala alemã.

A obra *Amadeus* nos mostra também como a inveja de Mozart pelo *status* de Salieri na corte vienense, não pode ser vivenciada dentro da normalidade e como isso o prejudicou. Se assim tivesse sido, Mozart teria se aliado a Salieri para promover-se. Pelo contrário, ao tripudiar sobre Salieri, Mozart desperdiçou completamente a força da inveja criativa e sofreu imensamente por isso.

O filme *Amadeus* aborda a comparação das personalidades de Mozart (1756-1791) e Salieri (1750-1825), na problemática das funções estruturantes do dom e da criatividade. De um lado, Mozart, aclamado com a maior criatividade musical de todos os tempos. Sua genialidade se mostrou precocemente e apesar de sua morte prematura, aos 35 anos de idade, deixou sua obra extraordinária reconhecida mundialmente. Do outro lado, Salieri, nomeado diretor musical da corte de Viena (*Kapellmeister*) teve uma obra imensa que incluiu 40 óperas encenadas em muitas cortes das Europa e hoje praticamente esquecida.

A inveja e a tensão dramática entre os dois foi que Mozart tinha a genialidade e Salieri tinha somente um grande dom musical. Por isso, sua inveja o torturou porque ele queria ser igual a Mozart, **mas foi condenado a perceber a genialidade de Mozart até**

**mesmo mais do que o próprio e, ao mesmo tempo, ter consciência de que não a tinha nesse grau.**

Por isso, Salieri só poderia integrar sua inveja normalmente, se ele abdicasse de competir com Mozart e passasse a cuidar da criatividade do gênio, com toda a habilidade social e política que ele tinha na Corte do Imperador. Isso, porém, ele não conseguiu fazer e assim, caiu vítima da inveja destrutiva que o levou (na peça), ao assassinato de Mozart.

A argúcia de Salieri permitiu-lhe perceber o terrível complexo paterno de Mozart representado na Ópera Dom Giovanni. Nela, a figura do pai terrível vem buscar e punir Don Juan (Mozart e sua vida devassa) atirando-o nas chamas do inferno. Inspirado na ópera, Salieri se veste de um emissário do Conde de Walsegg e vem encomendar um Réquiem a Mozart e depois atormentá-lo com a exigência da sua entrega. Esse enredo foi imaginado por Peter Schaffer, autor da peça, para dar sentido à lenda de Mozart ter sido assassinado por Salieri e transformar o Réquiem de Mozart no Réquiem dele próprio.

O processo de elaboração simbólica é o centro da atividade psíquica. Normalmente lidamos com ele na psicoterapia simbólica, dentro da emoção, com a técnica verbal e na posição face a face. A elaboração simbólica **necessita da subjetividade, da emoção, que inclui o entusiasmo e o sofrimento, ou seja, a vivência.** Quando a relação terapêutica começa a se transformar num relato verbal, no qual se fala mas não vivencia a emoção, podemos pensar numa fixação defensiva e lançar mão de técnicas expressivas para energizar o processo. Caso contrário, a terapia pode se tornar centralizada num relato verbal somente consciente e simbolicamente restrito, o que limita e cronifica o processo terapêutico.

**Usar uma técnica expressiva é colocar um catalizador no campo emocional.** Dentro da analogia com a alquimia, isto significa aumentar a temperatura do forno alquímico para exacerbar o processo. Para isso, necessitamos contar com a resistência do **vaso terapêutico** ou **vaso alquímico**, que construímos desde o início da terapia com a formação da **aliança terapêutica**. Ela consiste na regularidade das sessões, na dedicação do terapeuta e do paciente, na confiança crescente, no sofrimento e na inteligência partilhados, na competência demonstrada pelo terapeuta e na vivência de todas as características que aprofundam, acolhem, transformam e constroem um relacionamento humano importante.

**As técnicas expressivas não podem ser usadas com qualquer paciente em qualquer situação.** Pelo fato delas aumentarem a tensão psíquica, ao mesmo tempo do Self terapêutico e do Self individual do paciente, necessitamos antes de tudo saber **se o Self do paciente, com a sua polaridade Ego-Outro, aguenta esse aumento de tensão** e, também, se estamos diante de uma elaboração simbólica normal ou patológica. No

caso da elaboração ser normal, ela é menos preocupante, mas no caso dela ser patológica, necessitamos saber quais os símbolos e funções estruturantes que estão fixados e qual a estratégia psicopatológica em que ela está funcionando, se neurótica, psicopática, *borderline* ou psicótica. No caso dela ser *borderline* ou psicótica, de um modo geral, a técnica expressiva está **contraindicada. Recomendo que o terapeuta tenha usado a técnica em sua própria análise e que esteja em supervisão quando começar o uso de técnicas expressivas.** É muito importante que o terapeuta tome cuidado de não cair na onipotência e achar que pode usar qualquer técnica a qualquer momento. Ele deve prestar muita atenção ao comportamento da Sombra do paciente e da sua própria, durante o emprego de uma técnica expressiva. Qualquer exacerbação das defesas, durante a aplicação de uma técnica, requer um recuo estratégico.

A técnica expressiva deve ser feita no meio de uma sessão e deve terminar aproximadamente quinze minutos antes do final. Sua introdução necessita da construção de uma persona, como ritual de entrada, para receber a nova técnica, principalmente se a única técnica empregada até aquele momento tenha sido a técnica verbal. No final, deve-se fazer um ritual de saída com o paciente, perguntando como ele recebeu a aplicação da técnica e como ele sentiu a atuação do terapeuta durante o seu emprego. É de especial importância registrar e elaborar **se houve um aumento da defesa ou da resistência durante a aplicação da técnica, caso em que o terapeuta pode recuar, diminuir a tensão, não repetir essa técnica, modificá-la ou substituí-la.**

Como não pode deixar de ser, a técnica expressiva afeta a transferência terapêutica, tanto do paciente quanto do terapeuta. Por isso, emprego a “intervenção transferencial do terapeuta” durante a técnica, sobretudo para estimular e ensinar o paciente durante o seu uso. Nesse sentido, o terapeuta pode narcisar e tomar a iniciativa no início e, aos poucos, deixar o paciente incrementar o seu próprio narcisismo, enquanto o terapeuta aumenta o seu ecoísmo. O ideal é que o paciente narcise cada vez mais e o terapeuta cada vez menos. A polaridade narcisismo-ecoísmo vem do mito de Narciso e Eco, no qual Narciso é principalmente ativo (*Yang*) e Eco principalmente receptiva (*Yin*).

Cada terapeuta e cada paciente tem mais aptidão e preferência por determinadas técnicas. O ideal é que o terapeuta aprenda cada vez mais técnicas e as utilize cada vez melhor para propiciar o emprego delas por seus pacientes.

Gostaria, agora, que alguém viesse para representarmos a dramatização com imaginação ativa, fantasiando a terapia de Salieri (arrumação de duas cadeiras, uma diante da outra).

**Byington e Salieri (dramatização durante a análise de Salieri)** – Hoje quero usar com você (aluno/a) uma técnica de dramatização para aprofundarmos melhor o conhecimento de sua relação com Mozart, cujo símbolo tem se mostrado cada vez mais importante na sua terapia. Mozart, obrigado por vir aqui para participar da análise do Salieri. Por favor, sente-se aqui nesta cadeira. (cadeira vazia com uma almofada).

**(em off)** O método da análise consiste em sair da persona social e construir uma persona terapêutica para que o Self individual do paciente possa se expressar sem educação (Winnicott chama “ruthless”) da forma mais espontânea possível. Para isso, o analista deve dar o exemplo e se expressar de forma natural, evitando qualquer persona profissional estereotipada, que limite a espontaneidade do *setting*. Não devemos esquecer que a função estruturante da imitação é uma das principais na elaboração simbólica e isto vale também para a relação terapêutica. Assim sendo, o terapeuta deve, tanto quanto possível, dar o exemplo nas técnicas expressivas para que o paciente possa imitá-lo.

**Byington** – Agora, Salieri (aluno/a) diga a Mozart tudo o que você acha dele. Ouça, mentalmente, a resposta dele e depois me conte.

**Salieri** (aluno/a) – Quando te conheci, já te admirava muito e, por isso, compus aquela pequena melodia para você, mas você usou sua sensualidade para me humilhar e, por isso, nunca te perdoei e te levei para a destruição. Seguiu-se dramatização e imaginação ativa com a resposta de Mozart.

As funções estruturantes são sempre bipolares e operam dentro de um **espectro** com uma variedade de gradação entre a oposição e a igualdade dos pólos. Neste caso, vemos o **espectro da inveja**, variando do polo normal (inveja criativa) ao patológico (inveja defensiva) com inúmeras variações tanto no Self individual de Mozart quanto no de Salieri.

Na próxima aula, estudaremos **a função estruturante da linguagem**, incluindo a diferença arquetípica entre a prosa, a poesia e o humor.

**Texto recomendado:** Psicologia Simbólica Junguiana, Cap. 6 – A relação histórica da polaridade matriarcal-patriarcal, pp 129 a 140 e o capítulo 11, O Arquétipo da Alteridade, pp. 215 a 236.

Um abraço a todos e até a próxima quinta-feira,  
Byington